

## Auta de Souza leitora de Marco Aurélio, o imperador filósofo

Zelia Souza Lopes\*

**RESUMO:** Marco Aurélio, o último estoico da antiguidade, escreveu o livro *Meditações*. Pregava a busca da tranquilidade pela aceitação dos sofrimentos da vida. Acreditava que o ser humano era formado por corpo, alma e mente. Neste trabalho, pretendeu-se relacionar a influência desse pensador da antiguidade romana à escrita de Auta de Souza, poetisa que viveu no final do século XIX. Foi empregado o método bibliográfico através de pesquisa da obra do filósofo comparada à da poetisa. Utilizou-se também o pensamento de *Lírica e Sociedade* de Theodor W. Adorno, para a análise do pensamento dos escritores estudados e sua contribuição à posteridade. Os resultados demonstraram que a poetisa sofreu influência do pensamento do imperador na escrita de uma poesia voltada para o conceito atual de resiliência, na superação das adversidades de sua curta, intensa e trágica existência.

Palavras-chave: Marco Aurélio; Auta de Souza; poesia; resiliência.

### Introdução

A escrita feminina nos oitocentos era vista como um ato negativo e desqualificador para a imagem da mulher. Apesar da posição crítica desfavorável e deste aspecto imperioso da sociedade e do patriarcalismo, a poetisa Auta de Souza uniu sua fé católica a um lirismo imanente em todas as coisas da Natureza para produzir uma poesia de autoexposição. Assim, ela pôde circular livremente pela imprensa do Rio Grande do Norte, sua terra natal, e pelo restante do país. Adotada pela crítica católica, que via nela uma representante literária da fé cristã, ela pôde falar não só da sua religiosidade, mas também dos seus amores, dos seus sonhos e de sua emancipação como poeta.

Toda a força e coragem expressa em seus versos se tornaram inspiradores cantos aos mais humildes que transformaram suas trovas em canções populares que circulam até hoje de Norte a Sul do país. A compaixão que lhe caracterizava o ser foi reforçada, nos últimos anos de sua vida, segundo seu irmão Henrique Castriciano, com a leitura de S. Teresa de Jesus, Th. De Kempis, Lamartine, e “a estes associava Marco Aurélio, cujos pensamentos muito concorreram para aumentar a tolerância e a simpatia com que encarava os seres e as coisas”. (CASCUDO, 1961, p.78). Muitos conceitos desse filósofo estoico visitaram o *Horto*, o único livro publicado pela poetisa que morreu aos 24 anos incompletos, vítima de tuberculose.

O biógrafo da poetisa, Câmara Cascudo, não faz referência à edição ou língua na qual Auta leu *As meditações* de Marco Aurélio. A primeira referência a esta obra é a do filósofo grego Themistius, quase dois séculos depois da morte de Marco Aurélio. Depois disso, as *Meditações* foram encontradas nas enciclopédias dos bizantinos no século X. No ocidente, somente em 1559, em Augsburg, na Alemanha, há o registro de

\* Graduação em Letras, Faculdades Integradas de Cataguases, FAFIC, Brasil (1990). Mestrado em andamento em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Brasil (2016).

uma tradução, mas está perdida. As modernas edições baseiam-se no Codex Vaticanus, recolhido pelo cardeal Barberini, no século XVII. (AURÉLIO, 2016). A partir daí, traduções foram feitas para muitas línguas na Europa, inclusive para o Português.

As leituras dos pensamentos de Marco Aurélio eram associadas à Imitação de Cristo, de Thomas Kempis e considerados sua versão cristã. Na antiguidade clássica a filosofia tinha um caráter moralizante já que estudava as grandes questões que, até hoje, preocupam o ser humano como a origem do criador do universo e a destinação do homem após a morte.

Este estudo pinçou partes principais da vida de Auta de Souza, analisou alguns aspectos da filosofia dos estoicos e sua relação íntima com preceitos cristãos. Trouxe também, para análise, certos pensamentos de Marco Aurélio e sua relação com a vida e a obra da poetisa estudada. Percebeu-se o quanto o pensamento aureliano influenciou a escrita autaniana e seu comportamento diante dos sofrimentos de sua existência.

O lirismo natural de Auta e seu envolvimento profundo com a religião católica deram a ela os motivos, em grande parte, para sua escrita poética. Palavras retiradas da liturgia católica e o universo que cerca a Igreja são frequentemente utilizados por ela. A busca pela transcendência e o conceito platônico do mundo das ideias são a base de ambos os autores estudados para suportarem as agruras do mundo e ver a vida como uma passagem rápida do Espírito pela Terra.

O século dezenove, época em que Auta viveu, é comumente considerado o século da razão. Nesse período, Augusto Conte estabelece o Positivismo, na França. Laplace e Condorcet, influenciados pelas ideias de Lavoisier e Lagrange, propõem aplicar o cálculo às ciências morais e políticas, pensamento conhecido como matemática social. Ricardo Veléz Rodríguez fala sobre um amplo trabalho de reflexão para estabelecer e organizar a sociedade à luz do conhecimento científico. Essa tendência inspirou, no universo cultural brasileiro, o fenômeno do cientificismo, que deu ensejo à geometria política de Frei Caneca, que foi legitimado pelos nossos positivistas do século XIX. Em seu estudo, Rodríguez relaciona quatro grandes tendências que buscavam a racionalidade social, surgidas na França, na Alemanha e na Inglaterra. (RODRIGUÉZ, 2016). Mas, apesar de toda evolução do pensamento científico, o ser humano não conseguiu modificar o sentimento de incompletude e vazio existencial provocado pela finitude da vida.

É assim, também, que encontraremos o conceito de resiliência que migrou da Física para os campos da Sociologia, na tentativa de explicar algo ancestral no ser humano: a capacidade de reestruturar-se, refazer-se após um grande abalo como o medo e angústia que a morte provoca. Nesse ponto, Marco Aurélio alimentou-se das ideias do filósofo estoico Epiteto, que por sua vez, bebeu nas fontes de Zenão, trezentos anos antes de Cristo, em Chipre, num movimento em direção ao passado grego para reerguer-se após cada batalha. Auta de Souza alimentou-se de Marco Aurélio, cento e oitenta anos depois de Cristo, para escrever seus poemas e reerguer-se após tantos sofrimentos, transformados em poesia. E num movimento em direção ao futuro, outros virão para ensinar os mesmos preceitos, renovando a arte da escrita poética que saiu do papel e ganhou as telas dos computadores e os muros das cidades, sem, no entanto, deixar de ser o velho homem ansioso pela felicidade, o mesmo de todos os tempos, que se rende diante das expressões do amor, o velho e mesmo romântico amor.

## **1. Auta de Souza, uma vida entre esquifes.**

Antes de tudo, é preciso buscar a figura de Auta de Souza. Convidá-la a sair de seu doce refúgio espiritual, para mais uma vez, situá-la ante e além de seu tempo. A poetisa potiguar brilha como a maior representante da poesia mística católica do Rio

Grande do Norte. Nascida no ano de 1876, veio a falecer 24 anos depois, em 1901, vítima da tuberculose, o mal daquele século dezenove.

Aos três anos perde a mãe, aos cinco, o pai morre depois de uma complicação nos pulmões. Além da orfandade, pesa-lhe no coração a morte trágica do seu irmão Irineu. O menino de 12 anos sofreu um acidente com um candeeiro cujo vento fez aumentar as chamas e ele desesperado foge, perseguido, em si mesmo, pelas chamas que lhe consumiam o pequenino corpo. (CASCUDO, 1961, p.37). Auta chamaria esse episódio de agonia do coração, em um poema dedicado a esse irmão.

Auta de Souza nasceu na cidade de Macaíba, Rio Grande do Norte. Era magra, mulata e de olhos vivos (GOMES, 2013, p. 62). Seus avós paternos eram Félix José de Souza, um vaqueiro negro, agregado na fazenda dos bisavós paternos de Auta de Souza. O bisavô de Auta deu sua filha Cosma, filha adotiva, mestiça, em casamento a este vaqueiro que era homem de confiança na fazenda. Dessa união nasceu, entre outros filhos, o pai de Auta, Eloy Castriciano de Souza.

Fabrizio Pedroza, padrinho de Eloy, enriqueceu com a exportação de algodão e cana de açúcar. Macaíba tornou-se importante, conhecida como a capital econômica do Rio Grande do Norte (GOMES, 2013, p.53). Eloy trabalhava com o padrinho, economizou, aprendeu muito, tornou-se o braço direito do padrinho, mas queria ter o próprio negócio. Formou sociedade com Francisco de Paula Rodrigues. Os dois fundaram uma financiadora, casa bancária, de algodão e açúcar (CASCUDO, 1961, p. 29). Eloy casou-se com uma filha de seu sócio, Henriqueta Leopoldina. Esses casamentos eram arrançados e funcionavam como alianças políticas e mantinham os negócios em família.

Por outro lado, o avô materno de Auta de Souza, Francisco de Paula, vivia maritalmente com Silvina, moça simples e de família humilde, pertencente da velha raça, os negros da terra, como eram chamados pelos conquistadores ao chegarem ao Brasil. Uma criatura boa, amorosa, dedicada ao lar. Coube a Silvina, apelidada de Dindinha, criar os netos depois que os pais de Auta de Souza morreram.

Segundo Câmara Cascudo, mais importante biógrafo de Auta de Souza, ela já sabia ler e escrever aos oito anos de idade. Gostava de ler as histórias de Carlos Magno para as “mulheres do povo, crianças e velhos escravos” (CASCUDO, 1961, p.77). É que sua avó, Dindinha, contratou um professor para ensinar à menina as primeiras letras.

Um ano depois da morte de Irineu, Auta de Souza foi estudar no Colégio São Vicente de Paulo, dirigido por freiras francesas, em Pernambuco. A extensão do curso para moças era de três anos, considerados suficientes para a formação da futura dona de casa e modelo de mulher submissa e cristã. Auta se destacou como aluna exemplar. Fez muitas amizades e as manteve mesmo depois de muitos anos. Ela aprendeu o francês, falando fluentemente. Leu o que as professoras permitiam como Bossuet, Fenelon, Chateaubriand, Lamartine (CASCUDO, 1961, p.40). Era considerada a aluna mais dedicada do colégio. Depois deste período de 3 anos, conhecido como o lustro necessário às meninas de classe de instruírem, aparece a tuberculose diagnosticada quando ela contava 14 anos. Inicia-se para ela um período de confinamento, tratamentos e viagens para lugares secos em busca de cura.

O jovem irmão de Auta, Henrique Castriciano, também afetado pela tuberculose, possuía muitos livros. Sua irmã frequentava a biblioteca do irmão com avidez, em um exercício de autodidatismo. Henrique tornou-se poeta e escrevia para a *República*, jornal de Natal. Mais tarde, Auta viria a ser colaboradora desse jornal também. A jovem lia de tudo. Câmara Cascudo (1961, p.78) afirma que ela leu Tobias Barreto, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Joaquim Manoel de

Macedo, Raul Pompeia, Olavo Bilac, Victor Hugo, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Luiz Murat, Gonçalves Dias e muitos outros.

Como se percebe, na biografia feita por Câmara Cascudo sobre Auta de Souza, a morte teve um papel fundamental em sua escrita. Não se observa em seus versos somente vontade de desvencilhar-se do sofrimento através da morte, mas também uma inconformidade pelos sofrimentos que esta causou naqueles que foram separados de seus entes queridos. Neste ponto sua poesia está significativamente relacionada aos sofrimentos que ela viveu.

Como no dizer de Deleuze o poeta “goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo, devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossível.” (DELEUZE, 1997, p.14). Esse estado febril da poetisa dá a ela essa força de transparência em sua escrita. Ela é a doente não é a doença, e faz disso sua maneira de ser notada e conquista a sensibilidade, a atenção dos leitores. Não faz poesia para um povo, uma raça, uma época, faz poesia para o cotidiano, para o momento que para ela sempre poderia ser o último. Além de proporcionar visões sutis do simples que emana de tudo e lhe faz permanecer viva e amada. Não seria esse o supremo desejo da arte, muito mais que do artista?

Auta de Souza é uma escritora que revela sua vida em sua poesia, é uma escrita de diário. Como escreveu Amaral (1993, p.77), “(...) a verdade é que existem autores cuja escrita depende mais diretamente da vida que lhe está subjacente, o que leva a que suas coordenadas biográficas interfiram bastante no contorno das suas coordenadas líricas”. O destino de Auta lhe foi revelado junto com o diagnóstico da tuberculose. Suas poesias são, em grande parte, a sua história, do nascimento até a proximidade da morte prematura aos 24 anos.

Uma escrita sincera, clara, de um lirismo autêntico recheado de suavidade. Se não mergulhou nos profundos conceitos do existir, se não desbravou o psiquismo humano e seus labirintos emocionais, fez algo mais sutil e valoroso. Deixou-se impregnar pela vida que a rodeava, tornou-se canção e chegou ao coração das gentes. Revelou-se e, sinceramente envolvida com cada aspecto de sua existência eivada de dor, transformou-se em poesia para ter uma possibilidade de respiração, um fôlego a mais.

No poema que dá título ao livro, *No Horto*, podemos ler Jesus falando à poetisa:

Levanta os olhos para o meu rosto,  
Que à vista dele foge o Desgosto.  
Não tenhas medo do sofrimento.  
Ele é a escada do Paraíso...  
Contempla os astros do firmamento,  
Doces reflexos de meu sorriso. (...)  
O doce Amigo se despede e a poetisa então revela:

Ergui os olhos para o céu lindo:  
Vi-o boiando num mar de luz...  
E, então, minh'alma num gozo infindo,  
Chorando e rindo disse a Jesus:

Guia o meu passo, nos bons caminhos,  
Na longa estrada cheia de espinhos.  
Dá-me nas noites, negras de dores,  
Uma cruz santa para adorar,  
E em dias claros, cheio de flores,  
Uma criança para beijar”.(...)

Velai comigo, longe da luz,  
Que já levantam a minha Cruz.

A hora triste já vem chegando  
De nossa longa separação...  
Que lança aguda vai transpassando  
De lado a lado meu coração. (...)  
(SOUZA, 2009, pp. 41-44)

A ideia de sublimação através do sofrimento percorre todo o longo poema. A poetisa apresenta o *Horto* como local de sofrimento final para Jesus recriando-o para si própria. A conformação submissa que eleva sua alma para o paraíso que os crentes buscam depois da morte e a aceitação da vontade de Deus, nos leva ao conceito dos estoicos séculos antes do início da era cristã.

## 2. Marco Aurélio, o imperador filósofo

O filósofo Platão falava acerca do quão interessante seria para um império que seu governante fosse filósofo. E o sonho platônico veio a concretizar-se na figura de Marco Aurélio (121-180 d.C.). Sua filosofia baseada no estoicismo deu-lhe uma compreensão do ser humano, de suas limitações e fraquezas. Seus apontamentos são tão atuais que é como se o presente revivesse o passado ou como se este não pudesse se manter em um espaço/tempo determinado. Em seu livro encontraremos um apontamento simples e atual: “começa cada dia por dizer a ti próprio: Hoje vou deparar com a intromissão, a ingratidão, a insolência, a deslealdade, a má vontade e o egoísmo – todos devidos à ignorância por parte do ofensor sobre o que é o bem e o mal” (AURÉLIO, 2016, p.35). Esse é um sinal de como ele compreende a condição humana, sem julgá-la ou desmerecê-la. Marco Aurélio foi influenciado pelo filósofo Epiteto e com ele ficou conhecido como os maiores representantes do estoicismo. Ele, Epiteto e Sêneca de Córdova são chamados de “novos estoicos”. Para esses pensadores a virtude é o maior bem a ser alcançado. E para alcançá-la, é necessário viver de acordo com a Natureza. Afastar-se da Natureza significa afastar-se da razão de ser. Eles fazem uma busca de retorno à tradição cínica, escola representada por Antístenes e Diógenes de Sinope, e a transformam em uma filosofia em forma de exortações morais, um lugar de pensamento envolvido pelo místico e o religioso, valorizando a resignação e o ascetismo (AURÉLIO, 2016, p.16).

A filosofia, naquela época, não tinha o mesmo conceito de hoje. Ela era um conjunto de regras de bem viver. Isso implica uma consequência moral muito aproximada da religião conforme entendemos hoje. De fato, a teologia cristã muito se assemelha às *Meditações*.

No ano de 161, Marco Aurélio assume o império romano. E, em seguida, um grande tormento lhe advém. Uma peste se espalhou por todo o ocidente. Grandes inundações deixaram seus súditos sem alimento. Conta-se que ele vendeu suas jóias reais para aliviar a fome do povo. Além disso, ele enfrenta a invasão de tribos vindas do oriente. Sua biografia é marcada pela sua brandura com um general que se revoltou e autoproclamou-se imperador na Ásia. Este comandante foi morto por soldados e Marco Aurélio, além de perdoá-lo tratou com misericórdia os rebeldes. (AURÉLIO, 2016, p.18). Este fato de sua vida relaciona-se aos conceitos dos estoicos de respeitar o próximo.

As últimas palavras do imperador antes de morrer foram: “Não choreis por mim, pensem antes na pestilência e na morte de tantos outros.” (AURÉLIO, 2016, p.19).

Vítima de uma doença infecciosa, Marco Aurélio, depois de tantas lutas, estava cansado e já ansiava pela sua saída do mundo e seu retorno e integração ao fogo divino, origem de todo o universo. *Meditações* mostram um homem melancólico, em constante conflito com sua natureza para alcançar a Natureza, ou seja, a felicidade e o bem viver. A busca constante de quem precisa escrever diariamente para lembrar-se de não esquecer. Um exercício espiritual permanente de quem busca a superação de si mesmo.

### 3. Reflexos de *Meditações no Horto*

A poesia é um tempo sem espaço de pertencimento. Auta de Souza é lírica com todas as suas características e em todas as suas formas de expressão. Segundo Hegel, “o elemento subjetivo da poesia lírica se sobressai de maneira mais explícita quando um acontecimento real, uma situação real, se oferece ao poeta” (HEGEL, 1997, p.181). Tais estados íntimos se revelam quando o poeta se expande em poesia. O lirismo de Auta, quando suas emoções são projetadas, é cheio de sensações sensoriais. Seus poemas nos convidam a olhar, cheirar, tocar as substâncias rarefeitas de seus versos. Um lirismo sublimado pelo sofrimento e impulsionado por ele quando esbarrava fortemente na questão da morte.

Nossa poetisa deixou-se embalar por um sonho transcendente e sua verdade transformou-se em verdade para muitos que, não só leram, mas também cantaram seus poemas. Um exercício de alteridade em expansão. Uma alma estoíca e pura, buscando o céu para reintegrar-se ao universo, à Natureza, portanto ao divino. Nas palavras de Adorno “pois o teor de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal” (ADORNO, 2003, p.66). Naturalmente, tudo o que a poeta viveu não será exatamente vivido por todo o mundo, mas justamente sua individuação guarda o universal, por provocar empatia. Auta escreve os versos de *Ao pé de um berço*:

Recebe o carinho amigo  
E pede ao rei do Universo  
Que fique a sonhar contigo,  
Dormindo no mesmo berço.  
(SOUZA, 2009, p.182)

Esta estrofe compõe um longo poema que ela escreveu para uma amiga homenageando seu filho recém-nascido. Para os estoicos, estamos impregnados de uma substância que permeia todo o universo e esta substância seria o Espírito. Tal Espírito seria composto de uma matéria rarefeita, mas real, concreta. Para explicá-la, utilizaram o fogo como referência de expansão de calor. Este Espírito era, ao mesmo tempo, criador e matéria que habita todas as criaturas, seres que povoam o Universo. Viver de acordo com a Natureza era viver em harmonia com Deus, ou qualquer outro nome que se queira dar a esse Espírito criador. Tal conceito estoico aproxima-se da doutrina cristã e seus mitos.

Em relação à morte, Marco Aurélio escreve:

(...) principalmente, para que espere a morte com dignidade, como nada mais do que a simples dissolução dos elementos de que todo o organismo vivo é composto. Se esses próprios elementos não se danificam com a incessante formação e re-formação, por que olhar com desconfiança a transformação e dissolução do todo? Trata-se apenas do curso da Natureza; e no curso da Natureza não se encontra mal nenhum. (AURÉLIO, 2016, p.39)

A morte, vista como um processo natural, deve ser entendida como uma volta ao Espírito depois de um breve estágio no mundo material para aperfeiçoamento, portanto parte dos desígnios divinos que visam o bem e a felicidade de suas criaturas. Em duas estrofes do poema *Palavras tristes*, Auta escreveu sobre essa celebração de vida após a vida:

Quando eu deixar a terra, dá-me flores  
Boiando à tona de um sorriso teu;  
Que os risos das crianças são andores  
Onde os Anjos nos levam para o Céu...  
Quando eu deixar a terra, quero flores!

Flores e risos me tecendo o manto,  
Manto celeste feito de esperança...  
Quando eu daqui me for, não quero pranto,  
Só quero riso, prece de criança:  
Flores e risos me tecendo um manto!  
(SOUZA, 2009, p.149)

As referências aos nomes sagrados da religião como Anjos e Manto se unem à natureza das flores e a alegria das crianças para uma festa, símbolo da felicidade real que é deixar a terra e voltar ao paraíso, ao reencontro com o Divino. Quando a poetisa escreve o soneto *Ao Pé do Túmulo*, ela afirma:

Eis o descanso eterno, o doce abrigo  
Das almas tristes e despedaçadas;  
Eis o repouso, enfim; e o sono amigo  
Já vem cerrar-me as pálpebras cansadas.

Amargura da terra! Eu me desligo  
Para sempre de vós... almas amadas  
Que soluçais por mim, eu vos bendigo  
Ó almas de minh'alma abençoadas.

Quando eu daqui me for, anjos da guarda,  
Quando vier a morte que não tarda  
Roubar-me a vida para nunca mais...

Em pranto escrevam sobre a minha lousa:  
“Longe da mágoa, enfim, no Céu repousa  
Quem sofreu muito e quem amou demais.  
(SOUZA, 2009, p. 207)

Mais uma vez se observa a coragem estoica de quem está preparado para a morte, para o extremo fim. Alguém que cumpriu sua missão na terra: amar, e depois do sofrimento a recompensa aos eleitos: a liberdade e a felicidade. Como o historiador Lecky afirma, “O Estoicismo tornou-se a religião das classes instruídas. Ele fornecia os princípios da virtude, dava cor à mais nobre literatura da época, e guiava todos os desenvolvimentos do fervor moral” (AURÉLIO apud LECKY, 2016, p.12). Ler as *Meditações* era instruir-se na fé para superar os sofrimentos do mundo e alcançar a suprema glória: o reencontro com Deus. Auta de Souza, entre as fortes crises de dor causadas pela tuberculose, manteve este livro em sua cabeceira (SOUZA, 2009, p.35)

para consultá-lo, relendo sempre suas máximas como exercício espiritual para morrer bem.

#### 4. Resiliência, um conceito estoico

De acordo com o dicionário *online Meus dicionários* (2016), o conceito de “resiliência” surgiu da palavra latina *resilire*, que, em uma tradução textual, significaria “saltar de volta”. Apesar de aparecer recentemente na física, ela foi registrada desde 1620 na língua inglesa. Este conceito é utilizado em vários segmentos como a psicologia, a sociologia e a física. Foi no ano de 1807 que o físico inglês Thomas Young fez uso do termo para definir a capacidade de uma substância voltar ao seu estado original depois de sofrer um abalo ou destruição completa. Voltar ao estado original significa, na psicologia, uma capacidade do indivíduo de adaptar-se à situação negativa, destrutiva, superando-a e voltando ao seu estado de resistência e força (2016).

Tanto Marco Aurélio, em seus campos de batalha, quanto Auta de Souza, em sua relação com a morte de pessoas amadas e a tuberculose, refletem esse conceito de resiliência em suas produções escritas. Ambos estão sempre dispostos a compreender a Natureza e o mundo como momentos, e não locais, de resistência para os seres. São situações em que eles têm sua fibra moral testada e fortalecida pela fé no Universo ou em Deus que a tudo preside e, portanto, a tudo dispõe da maneira como entende que deve ser. Os seres humanos foram criados para uma fatalidade e esta é, segundo os estoicos, a felicidade. E mesmo que tudo em suas vidas pareça contrário, há uma causa divina que os criou simples para alcançarem a perfeição junto a esse Deus criador e imanente.

Marco Aurélio escreveu que:

Na vida de um homem, o seu tempo é apenas um momento, o seu ser um fluxo incessante, os sentidos uma vela mortíça, o corpo uma presa dos vermes, a alma um turbilhão inquieto, o destino, negro, e a fama, duvidosa. Em resumo, tudo o que é do corpo, é como água corrente, tudo o que é da alma, como sonhos e vapores; a vida, uma guerra, uma curta estadia numa terra estranha; e depois da fama, o esquecimento. Onde, pois, poderá o homem encontrar o poder de guiar e salvar os seus passos? Numa e só numa coisa apenas: a Filosofia. Ser filósofo é manter o espírito divino puro e incólume dentro de si, para que ele transcenda todo o prazer e toda a dor, não empreenda nada sem um objetivo, ou com falsidade ou dissimulação, não fique na dependência das ações ou inações dos outros, aceite todas e cada uma das prescrições como vindas da mesma Fonte donde ele próprio veio (AURELIO, 2016, p.38).

Nesta passagem percebemos a total entrega que os homens devem fazer de si mesmos para alcançarem o objetivo de alcançar o Espírito divino. Suportar a dor, entender os outros são as únicas maneiras de transcender e irmanar-se ao Universo, esse o ideal supremo. É assim que vemos na poesia de Auta essa esperança que a faz resiliente falando ao próprio coração:

Quando a Noite vier... Se no meu seio  
Estremeceres cheio de receio,  
- Temendo a sombra que amortalha o Dia  
E cobre a Terra de melancolia –  
Longe do mundo e da desesperança,  
Hei de embalar-te como uma criança.

Quero que escutes o gemer profundo



Do mar que chora a pequenez do mundo  
E ouças cantar a doce barcarola,  
Da noite imensa que se desenrola,  
Dando perfume ao coração dos lírios,  
Trazendo sonhos para os meus martírios.

E quando o Sol nascer; quando, formosa  
Como uma garça branca e misteriosa,  
Batendo as asas cor de neve, a Aurora  
Vier cantando pelo mundo afora,  
Rufla as asas também... e forte, então,  
Tu podes palpitar, meu coração!”  
(SOUZA, 2009, p.212)

O lirismo com conotação simbólica da poetisa leva-a a unir-se à natureza e encontrar nela os caminhos para sua salvação individual e, portanto, estende-se a outras gentes caracterizando-se como universal. Já que o conteúdo do poema não está restrito ao poeta, ele pode envolver emotivamente o leitor porque, mesmo não sentindo o que a poetisa sente, ele absorve essa emoção e encontra ressonância em si mesmo. (ADORNO, 2003, p.66). A poetisa consola a si mesma e o convite pode ser aceito por qualquer “coração”.

### **Considerações finais**

Auta de Souza, poetisa afrodescendente do final do século dezenove, encontrou no livro *Meditações* de Marco Aurélio um suporte para viver seus sofrimentos com dignidade, com estoicismo. Esta leitura era muito famosa naquele século por estar de acordo com os preceitos morais cristãos. E era, ao mesmo tempo, cultivada pelas classes mais abastadas da sociedade.

Podemos perceber que os textos de *Meditações*, de *Marco Aurélio*, que pertencem ao segundo século da era cristã, recuperados séculos depois por monges bizantinos, vão fazer parte da leitura clássica européia dezesseis séculos mais tarde, mostrando uma sincronia no pensamento humano que, até hoje, busca a felicidade através da superação das próprias limitações.

Nossa poetisa potiguar sofreu terrivelmente muitos abalos em sua breve existência eivada de dor. Transformou cada momento de sua vida em poesia, um lirismo doce, cheio dos símbolos sacros católicos e a crença no espírito imortal. A recompensa para os que sofrem resignados na Terra e sabem que esta vida é apenas um instante único, sempre presente até sua volta ao Todo, ao criador de todas as coisas.

Ela soube erguer-se após cada queda num processo de ipseidade que lhe garantia novas forças. E entre sonetos e trovas populares eternizou-se no gosto do povo e contribuiu não só para a literatura como para o bem comum, consagrou-se no Norte do país e tem se espalhado por todos os cantos do Brasil.

**RESUMÉ:** Marc-Aurèle, le dernier philosophe stoïcien de l'antiquité, a écrit le livre *Pensées*. Il prêchait la poursuite de la paix en acceptant les souffrances de la vie. Il croyait que l'être humain était composé de corps, âme et esprit. Dans ce travail, nous essayons de relier l'influence de ce penseur de l'antiquité romaine à l'écrit d'Auta de Souza, une poétesse qui a vécu à la fin du XIX siècle. Nous avons utilisé la méthode bibliographique, à travers la recherche de l'oeuvre du philosophe par rapport à celle de la poétesse. Nous avons également utilisé les concepts de lyrique et de société Theodor

W. Adorno, pour analyser la pensée des écrivains étudiés et leur contribution à la postérité. Les résultats ont montré que la poétesse a été influencée par la pensée de l'empereur, puisque sa poésie se concentre sur la conception actuelle de la résilience, en essayant de surmonter l'adversité de son existence courte, intense et tragique.

Mots-clés: Marc-Aurèle; Auta de Souza; poésie; résilience

### Referências:

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. (Org.) TIEDEMANN, Ralf. Tradução ALMEIDA, Jorge, São Paulo: 34 LTDA, 2003.

AMARAL, F. P. A poesia como doença da alma: uma abordagem do 'spleen' no Só. COLÓQUIO/Letras, Lisboa, número 127/128, p.77, 1993.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b36.pdf>> Acesso em: 10 out. 2016.

CASCUDO, Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Recife: Imprensa Oficial, 1961.

HEGEL, George. *Curso de estética: o sistema das artes*. Tradução RIBEIRO, Álvaro. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DELEUZE, Gilles. *A imanência: uma vida*. Tradução de Alberto Pucheu e Caio Meira. Terceira Margem – Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura, ano VIII, nº 11, UFRJ, 2004.

GOMES, Ana Laudelina, *Auta de Souza, a noiva do verso*. Natal, RN: EDUFRN, 2013.  
SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias. Obras reunidas de Auta de Souza*. (Org.) MEDEIROS, Alvarar; GOMES, Ana Laudelina Ferreira; ARAÚJO, Angelita. Natal: EDUFRN, 2009.

MEUS DICIONARIOS, *Dicionário on line*. Disponível em:<<http://www.meusdicionarios.com.br/resiliencia>> Acesso em: 11 out. 2016.

RODRIGUÉZ, Ricardo Vélez. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/CIENTIFICISMO.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

Data de envio: 20-10-2016

Data de aprovação: 24-11-2016

Data de publicação: 17-03-2017